

La Comédiathèque



Engarrafamento no Caminho do Cemitério

Jean-Pierre Martinez



comediatheque.net

**Este texto é oferecido gratuitamente para leitura.
Antes de qualquer exploração pública, profissional ou amadora,
deve obter a autorização do autor: <https://comediatheque.net>**

Engarrafamento no Caminho do Cemitério

Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

O cemitério de Beaucon-le-Château está lotado. Para receber novos defuntos, seria necessário proceder a uma ampliação. Mas a proprietária do parque adjacente recusa-se obstinadamente a ceder nem mesmo uma parcela. Para resolver esta situação de emergência, o presidente da câmara toma uma medida radical: morrer será estritamente proibido no território do município, sob pena de sanções...

Personagens

Albert (ou Albertine): Dono/a do café

Victor (ou Victoria): Decano/a da aldeia

Louis (ou Louise): Decano/a da aldeia

Mário (ou Maria): Presidente da câmara

Charles (ou Charline): Senhor/a do castelo

François: Padre da aldeia

Distribuições possíveis

1H/5M, 2H/4M, 3H/3M, 4H/2M, 5H/1M

O Café du Commerce, na aldeia de Beaucon-le-Château, em França. Albertine, a dona, seca copos. Sentado no balcão com um vinho branco, Victor, o decano do município, folheia um jornal local antes de o pousar com um suspiro.

Victor – Porque é que continuo a ler este trapo? Só há más notícias.

Albertine – É o de ontem. Experimente o jornal de hoje, talvez seja melhor.

Victor despreza o jornal que Albertine lhe oferece.

Victor – Ou talvez seja pior.

Victor esvazia o copo de uma só vez.

Albertine – Um jornal só com boas notícias não se venderia.

Victor – De qualquer forma, só vejo a secção de obituários.

Albertine – Ah sim, mas então...

Victor – O que queres...? É a única parte onde mais ou menos sei de quem se fala. E cada vez menos... Todos os velhos que conhecia já morreram. Agora começam a enterrar os jovens...

Albertine – Jovens? A quem chamas de jovens?

Victor – Não sei, eu... Oitenta, oitenta e cinco anos... Pessoas que podiam ser meus filhos, vá lá.

Albertine – Boas notícias... Não é na secção de obituários que as vai encontrar.

Victor – Bem, depende...

Albertine – Ah sim, de quê?

Victor – Pois... De quem morreu.

Albertine – Sim...

Victor – Imagina que compraste uma casa em renda vitalícia.

Albertine – Compraste uma casa em renda vitalícia? Tens cento e dois anos!

Victor – Não, descansa. Vendi a minha.

Albertine – Em renda vitalícia? Há quanto tempo?

Victor – Hoje faz trinta e dois anos. Já tinha setenta nessa altura. Por isso, posso dizer-te que, se a filha do meu comprador vir o meu nome na secção de obituários, será mais uma boa notícia para ela.

Albertine – A filha dele?

Victor – O meu comprador morreu há uns dez anos. Ao que parece, tinha a saúde frágil. É a filha dele que me continua a pagar a renda.

Albertine – Que herança... E tu, como vais de saúde?

Victor – Bem. Vá, serve-me outro vinho branco. Dizem que o álcool conserva.

Albertine serve-lhe outro. Entra Louise, a decana da aldeia, praticamente da mesma idade que Victor.

Louise – Bom dia a todos.

Victor – Senhora decana.

Louise – Não é muito cavalheiro recordar-me disso.

Victor – Oh, à nossa idade, cavalheirismo... O que mais podemos esperar além de um lugar no livro dos recordes?

Louise – E lembro-te que és mais velho que eu.

Victor – Mais velho? Nascestes dois dias depois de mim!

Louise – Ainda assim... O verdadeiro decano és tu.

Albertine – O que lhe sirvo, Louise? Um café com aguardente, como sempre.

Louise – Estou com um pouco de dor de estômago esta manhã. Talvez tenha exagerado um pouco com o champanhe ontem à noite. Melhor tomar um gin-tónico.

Victor – Champanhe?

Louise – Estava a celebrar os meus 102 anos, precisamente.

Victor – Em família, suponho.

Louise – Em família, sim. Ou pelo menos o que resta... Enterrei o meu marido há vinte anos e o meu único filho no ano passado.

Victor – É uma das muitas desvantagens de ser centenário. A nossa agenda reduz-se a alguns nomes gravados em mármore nas alamedas de um cemitério.

Louise – Não devíamos sobreviver aos nossos filhos, é antinatural.

Albertine serve-lhe o gin-tónico.

Albertine – E um gin-tónico para a senhora. Se não a matar, vai pô-la de pé. Desde que não conduza depois...

Louise – Oh, eu sei bem que já não me resta muito tempo.

Albertine – Há vinte anos que a ouço dizer isso, Louise. Ainda vai enterrar-nos a todos.

Louise – Não me queixo, eh. Vivi bem. Mas o que posso esperar da vida agora?

Albertine – Quem sabe? Talvez se torne a próxima decana dos Franceses. Porque não a decana da Humanidade?

Louise – Quantos anos tem a que detém o título?

Albertine – Está no jornal de hoje, justamente. Acabou de morrer. Tinha 117 anos.

Louise – Mais quinze anos para bater o recorde... Não tenho a certeza se tenho paciência...

Albertine – E por que não tu, Victor?

Victor – Quem sabe qual de nós dois viverá mais...

Albertine – As apostas estão abertas...

Victor – De qualquer forma, se fores primeiro que eu, prometo que te oferecerei uma bela coroa de flores.

Louise – Tu que nunca me ofereceste flores... nem sequer no meu aniversário.

Victor – Uma bela coroa para uma bela rainha.

Albertine – Ainda estamos a falar de funerais ou já passámos para o bolo-rei?

Louise – Se fores primeiro, direi umas palavras bonitas, não te preocupes. Mesmo que não as pense...

Victor – Não me digas que já escreveste o meu elogio fúnebre.

Louise – Leio-te, se quiseres. Seria uma pena que fosses o único a não desfrutar dele.

Victor – Tens tanta certeza de que vou morrer antes de ti?

Louise – Depois dos cem anos, além de viver mais um dia, já não temos muitos desafios.

Albertine – É verdade que agora se tornou uma espécie de competição entre vocês, não é?

Victor – Sim, já não há muitos concorrentes na aldeia além de nós dois. Somos como os dois finalistas, por assim dizer.

Louise – Vais ver que, dentro de uns anos, depois dos Jogos Paralímpicos, vão inventar uns Jogos Olímpicos para os maiores de cem anos.

Victor – Por que não? Há cada vez mais centenários... E estão em plena forma.

Louise – Às vezes pergunto-me se a Morte se esqueceu de nós...

Victor – Vai lembrar-se de nós, vais ver.

Entra Mário, o presidente da câmara.

Albertine – Senhor Presidente, bom dia.

Mário – Bom dia, Albertine... Estimada senhora... Senhor... Como estão a nossa decana... e o nosso decano?

Victor – Ah, quando o município se preocupa com os velhos, é sinal de que as eleições se aproximam.

Mário – Está a ser injusto, Victor. Lembro-lhe que fui eu quem remodelou a praça da câmara municipal, para que os nossos queridos idosos pudessem sentar-se num banco tranquilamente a conversar enquanto apanham ar.

Louise – Sim, mas antes era estacionamento gratuito.

Mário – O carro já não tem lugar no centro! Um parque é uma melhoria apreciável no nosso ambiente, não? As mães jovens também poderão passar um tempo com os seus filhos depois da escola.

Louise – Pois, mas... agora já não podemos estacionar!

Mário – Não me diga que ainda conduz, Louise! E nem parece que só bebe limonada...

Louise – Já não conduzo muito, é verdade... Mas penso nos outros... E, além disso, não me felicitou pelo meu aniversário!

Mário – O seu aniversário...?

Louise – Foi ontem. O anterior presidente da câmara sempre me enviava uma nota. E uma cesta de presentes...

Mário – Desculpe o esquecimento, tenho alguns problemas para resolver no momento. Mas vamos compensar o quanto antes, certo...? E... quantos anos tem, exatamente?

Louise – Exatamente? 102 anos.

Mário – Ah, sim, bem...

Victor – O senhor presidente tem razão, Louise. À nossa idade já não precisamos de estacionamento. O nosso próximo lugar de estacionamento será numa alameda do cemitério. Ali há sempre espaço, não há parquímetros, e não corres o risco de ser multada.

Mário – Há sempre espaço... Quem me dera...

Albertine – Perdão?

Mário – A crise da habitação não afeta apenas os vivos, sabiam?

Louise – O que quer dizer com essas metáforas?

Mário – Pois... Só resta um espaço disponível no nosso cemitério, é isso que quero dizer.

Victor – Um único espaço? É uma piada?

Mário – Não me permitiria brincar com um assunto tão sério, acreditem.

Louise – Mas como é possível uma coisa dessas?

Mário – Como? Quando o cemitério se tornou demasiado pequeno para receber novos inquilinos... sem ter que expulsar os atuais.

Victor – Inquilinos? Pensava que, pelo menos, todos eram donos da sua última morada, até os mais pobres.

Louise – Não é isso que chamam uma concessão perpétua?

Mário – Já sabem, hoje em dia... uma pessoa pode continuar a acreditar na vida eterna, mas as concessões têm uma perpetuidade bastante relativa.

Victor – Sem mais espaço no cemitério... Isto é de loucos.

Albertine – E então, o que vão fazer? Uma lista de espera?

Mário – Teríamos que o ampliar, mas...

Victor – Dizem que governar é prever... Não morre alguém todos os dias nesta aldeia. Tiveram tempo para tomar as medidas necessárias.

Louise – É verdade. Poderiam ter ampliado o cemitério. Em vez de fazer uma praça!

Albertine – Bem, Louise, o senhor presidente não ia transformar o parque de estacionamento em frente à câmara num cemitério.

Mário – Claro, este projeto de ampliação está em cima da mesa há anos. Só que...

Albertine – Só que?

Mário – Ainda temos que encontrar um terreno!

Chega Charline, a senhora do castelo.

Charline – Senhor presidente... Minhas senhoras e senhores... Os meus respetos...

Mário – Ah... Estávamos precisamente a falar de si, senhora baronesa.

Charline – De mim?

Mário – Os nossos concidadãos, com toda a razão, tal como eu, estão preocupados com a atual saturação do nosso cemitério municipal. E perguntavam-me por que ainda não foi realizada uma ampliação para resolver este problema.

Charline – E então?

Mário – Então, estava prestes a explicar-lhes que a proprietária do terreno adjacente, a Baronesa de Casteljarnac, ou seja, a senhora, recusava-se a ceder uma parte à comuna para a ampliação do cemitério.

Charline – Ceder uma parte do parque do meu castelo para ampliar o cemitério? Transformei as minhas cavaliariças em quartos de luxo que são o orgulho da nossa aldeia. Não vou impor a esses hóspedes distintos uma vista para o cemitério!

Chega François, o padre.

Albertine – Ah, padre, como representante da Igreja, poderá ajudar-nos a mediar este debate entre a nobreza e o terceiro estado.

François – Se puder oferecer-lhes o consolo da religião... De que se trata, minha filha?

Albertine – A baronesa recusa-se a ceder uma parte do seu terreno à câmara para ampliar o cemitério, que já está lotado.

François – Sim, conheço bem esse problema, infelizmente.

Mário – A senhora baronesa não quer que os clientes do seu Airbnb tenham vistas para as campas dos nossos queridos defuntos.

François – Desde sempre, o cemitério de Beaucon-le-Château envolve a nossa magnífica igreja do século XII. Os fiéis atravessam-no todos os domingos para assistir à missa. Este cemitério faz parte da paisagem! Tal como a morte faz parte da vida.

Charline – Certo. Mas nada me obriga a amputar metade do parque do meu castelo.

Mário – Metade, exagera! Um décimo, no máximo...

Charline – E quando o novo cemitério também estiver lotado? Pretende alinhar campas até debaixo das janelas do meu castelo?

Mário – Devolvo-lhe a pergunta, senhora baronesa. E quando morrer? O que faremos consigo se já não houver espaço no cemitério?

Charline – Não tenho pressa, da minha parte, mas é o senhor que tem de resolver esse problema. E se não houver lugar no cemitério, enterro-me na minha própria capela, em casa. Como Alain Delon...

Mário – Aí está o desprezo de classe que caracteriza os privilegiados da sua espécie.

François – Por favor, mantenhamos a cortesia. Estou certo de que, com um pouco de boa vontade, encontraremos uma solução que agrade a todos. A começar pelos nossos queridos... futuros defuntos.

Victor – Nós somos os mais interessados, sem dúvida. Somos os próximos na lista, não é, Louise?

Louise – Falta ver qual de nós dois vai ocupar a última vaga.

Albertine – Há pouco competiam para ver quem vivia mais e entrava no Guinness dos Recordes, não me digam que agora competem para ver quem parte primeiro para ficar com a última campa do cemitério!

Uma pausa.

Victor – E imagino que não há maneira de fazer reservas, pois não...?

Albertine – Não estamos a falar de uma vaga num parque de campismo em agosto.

Louise – Então, quem chegar primeiro, serve-se? E o outro terá de ser enterrado noutra lugar...?

Victor – Nascemos nesta aldeia e sempre vivemos aqui. É aqui que queremos ser enterrados!

Albertine – Pois é, mas enquanto não ampliarmos o cemitério...

Victor – Os doentes já se acumulam nas urgências à espera de serem atendidos, agora também os mortos terão que esperar para serem enterrados?

Louise – Mas... diga alguma coisa, Padre!

François – Conhecem a posição da Igreja: Dar a Deus o que é de Deus, e a César o que é de César... Este assunto é da responsabilidade da câmara municipal. A Igreja já não se ocupa da gestão dos cemitérios há muito tempo.

Charline – De facto. Desde que a República nacionalizou os bens da nobreza e do clero, não é verdade, Padre?

Mário – Lembro-lhe, senhora Baronesa, que deve o seu título de dona do castelo à Revolução. Foi nessa época que a sua família de escravistas adquiriu a propriedade que a senhora herdou, não é verdade?

Charline – Repita, se tiver coragem...

Mário – Fiz questão de investigar a sua árvore genealógica. No século XVIII, os seus antepassados eram armadores no Estuário da Gironda. Atreve-se a negar que se dedicavam ao comércio triangular?

Charline – Se eu fosse um homem da sua condição, já lhe teria dado um murro.

Mário – Se eu fosse um homem da sua, já lhe teria atravessado com a espada.

Intervém François.

François – Vamos, vamos... Senhor presidente... Senhora baronesa... Acalmem-se! Não ressuscitem velhas disputas que já não têm lugar nos dias de hoje.

Mário e Charline fazem um esforço para não chegarem às mãos.

Charline – Se não tivéssemos deixado todos esses estrangeiros enterrarem-se aqui, o nosso encantador cemitério não estaria sobrelotado hoje...

Mário – Esses estrangeiros?

Charline – Esses estrangeiros ao município, pelo menos...

Mário – Está a dizer isso por mim?

Charline – Creio que os seus pais eram italianos. E estão enterrados no nosso cemitério, não é verdade?

Mário – A sua família é originária de Bordéus. Era de lá que partiam os seus navios para o seu ignominioso tráfico...

Charline – Bordéus ainda é França. E a minha família está estabelecida em Beaucon-le-Château há gerações.

Mário – Os meus avós eram italianos, de facto. O meu pai era pedreiro, e não tenho vergonha das minhas origens. Mas a senhora... Mesmo sendo baronesa, não tem razão para se orgulhar das suas.

Silêncio tenso.

Louise – É verdade que muitos turistas se enterraram aqui nos últimos anos.

Mário – A quem chama turistas são proprietários de segundas residências na nossa comuna. Pagam os seus impostos, e o presidente da câmara não tem o poder de lhes negar uma sepultura na nossa aldeia.

François – Infelizmente, o nosso encantador cemitério não pode acolher toda a miséria do mundo.

Victor – A miséria? Ora... Os burgueses boémios de Paris que fazem disparar os preços das casas antes de ocuparem o nosso cemitério...

Mário – Seja como for, se os papas não se tivessem oposto durante séculos à cremação, não estaríamos nesta situação...

Albertine – Temos que admitir que, neste ponto como em tantos outros, a Igreja nem sempre favoreceu o progresso, não é verdade, Padre?

François – Agora a culpa é minha.

Charline – Em todo o caso, não é minha. Albertine, querida, serve-me um Fernet-Branca. Tudo isto deu-me uma dor de cabeça.

Mário – Não teme envenenar-se? Sabe que o Fernet-Branca é uma especialidade italiana...

Albertine – Um Fernet-Branca para a senhora baronesa. E para o senhor, Padre, o que vai ser? Um pouco de vinho de missa? Abençoei-o esta manhã...

François – Um café, por favor.

Albertine serve-lhe um café.

Albertine – E um cafezinho para o Padre. Então, Senhor Cura? E essa investigação, como vai?

Charline – Uma investigação? Que investigação?

Albertine – O Senhor Cura está à procura de um cadáver...

François – Como sabem, a nossa igreja leva o nome do Santo Padroeiro da nossa aldeia, o Beato Abade Bernabé, cujas relíquias se perderam nos tumultos da Revolução.

Mário – O que o senhor chama os tumultos da Revolução, Senhor Cura, é a justa revolta do Povo contra a tirania, que lançou as bases da nossa República Francesa.

François – Enfim, após a nacionalização dos bens da nobreza e do clero, a que a Senhora Baronesa aludiu há pouco, o castelo e a sua abadia foram vendidos a ricos comerciantes...

Charline – Tudo isso para financiar as desastrosas aventuras militares de Napoleão.

Mário – Não teria a crueldade de lhe lembrar, Senhora, que é a Napoleão que deve o seu título de Baronesa.

Albertine – Ah, sim?

Mário – Foi a Bonaparte que a sua família comprou esse título de nobreza do Império, não é verdade?

Charline – Ora, parece que um italiano está fascinado pela História de França. A fé do convertido, sem dúvida...

Mário – Os pais do Imperador eram de origem italiana. Então, de certa forma, é a Itália que deve esse título de fãncaria.

François prefere continuar com o que estava a fazer.

François – Seja como for, como consequência dessas sucessivas mudanças de proprietários e do saque da abadia, perdeu-se o rasto das relíquias de São Barnabé, que já eram veneradas na Idade Média. Cometeram-se muitas atrocidades durante a Revolução, lamentavelmente.

Charline – Não seria melhor deixar esse santo homem descansar em paz, onde quer que esteja o seu corpo?

François – Talvez... mas, imagina se encontrássemos essas relíquias? A nossa aldeia poderia tornar-se um local de peregrinação...

Mário – Se isso puder favorecer o comércio e o emprego no nosso município... estou disposto a acreditar em Deus e nos milagres!

Um silêncio.

Louise – E se lhe pagasse um adiantamento, Senhor Presidente?

Mário – Um adiantamento?

Louise – Por essa sepultura que ainda está disponível. Está bem situada, pelo menos? Não demasiado perto da entrada, para evitar correntes de ar.

Victor – E porque é que essa última sepultura deve estar reservada para ti?

Louise – A galanteria deveria levar-te a ceder-me a precedência, não achas?

Victor – Nem pensar... Será para o primeiro que morrer, e ponto final.

Albertine – Tens intenção de te antecipar, Victor?

François – Lembro-vos que isto vai contra os princípios da nossa religião católica!

Albertine – Está a ver ao que chegámos, Senhor Presidente? Estes dois velhotes estão dispostos a atirar-se para debaixo de um comboio para aproveitar esta última oportunidade no cemitério. Tem que se fazer alguma coisa...

Mário – O comboio, infelizmente, já não para em Beaucon há muito tempo. Além disso, tem que dizer isso à senhora Baronesa.

Charline – Poder-se-ia habilitar outro cemitério noutra lugar, não? A câmara municipal dispõe de um terreno...

Mário – Fica ao lado do aterro sanitário!

Charline – Ali ou noutra sítio qualquer...

Mário – A senhora não se importa, tem um panteão familiar. O seu lugar já está reservado! Mas vocês, os mais velhos, gostariam de ser tratados como trastes velhos?

Louise – Que horror!

Mário – Um novo cemitério ao lado de um aterro? Isso é uma morte a duas velocidades!

Albertine – Pois é... Nem na morte somos iguais. A Revolução não acabou com todos os privilégios, isso está claro.

Mário – Não, recuso-me a habilitar um cemitério entre uma sucata de carros e o aterro municipal. Ou é a ampliação, ou nada!

Albertine – Mas isso não é possível... Temos que enterrar os mortos em algum lugar!

Ouve-se o som de travagens e uma colisão em frente ao café.

Charline – O que se passa?

Albertine aproxima-se da janela do café e olha.

Albertine – Um acidente, ao que parece.

Mário – Vou ver.

Mário sai.

Louise – Sempre disse que essa passadeira é perigosa. Mesmo na curva.

Victor – E com essa enorme palmeira que bloqueia a vista dos condutores.

Albertine – Quantas vezes pedi à câmara para tirarem essa palmeira.

Louise – Agora, com estes ecologistas, já não temos direito de cortar uma árvore.

Victor – Espero que não seja muito grave.

François – Talvez devesse ir ver também. Se alguma das vítimas precisar dos últimos sacramentos...

Louise – Acho que prefeririam ver chegar um médico antes de um padre, não?

Albertine – Vou ligar para os bombeiros...

Mário regressa.

Charline – E então?

Mário – É o Doutor Pinard. Voltava da sua ronda. Ao que parece, estava algo embriagado... Atropelou uma mulher que atravessava a rua sem olhar.

Albertine – Há feridos?

Mário – O médico está ileso, mas esta pobre mulher...

Albertine – Ia ligar para os bombeiros.

Mário – Força. Mas, infelizmente, já não é uma emergência.

Louise – E a vítima?

Mário – O doutor examinou-a e foi categórico. Morreu no momento.

Victor – Meu Deus...

Louise – Mas é alguém da aldeia?

Mário – É a Josiane Boivin.

Victor – Josiane?

Albertine – Conhecia-a?

Victor – Ela é quem pagava a renda vitalícia da minha casa desde que o pai dela morreu.

Albertine – Não se preocupe. Os herdeiros continuarão a fazer os pagamentos...

Victor – Pobre Josiane... Nem chegou a usufruir da minha casa.

Louise – Pois é... Mas, mesmo assim, teve sorte na sua desgraça.

Mário – Ah, sim?

Louise – Ela é quem vai herdar a última sepultura disponível no cemitério...

Victor – E quanto a nós...

Louise – Vai-nos calhar o aterro.

Apagão.

Atrás do balcão, Albertine, a dona, consulta o telemóvel. François chega com um grande dossiê debaixo do braço.

François – Bom dia, Albertine.

Albertine – Conhece o Chat GPT, senhor padre?

François – Ah, sim... Inteligência artificial... Já ouvi falar, de facto. Alguns acham que é uma invenção diabólica...

Albertine – Talvez, mas fazes-lhe qualquer pergunta e ele responde. Mais seguro do que Deus, em todo o caso... Olhe, por exemplo... Sabe quantas estrelas há na nossa galáxia?

François – A verdade é que não...

Albertine – Centenas de milhares de milhões.

François – Ah, sim...

Albertine – E sabe quantas galáxias há no universo?

François – Não...

Albertine – Milhares de milhões.

François – Ah, sim...

Albertine – Tudo isso soma milhares de milhares de milhões de estrelas.

François – Sim.

Albertine – E em volta de cada uma dessas estrelas orbitam dezenas de planetas.

François – Sim.

Albertine – Isso dá milhares de milhares de milhares de milhões de planetas.

François – Sim.

Albertine – Seria incrível que o nosso fosse o único habitado por animais dotados de inteligência, não acha?

François – Isso... só Deus sabe.

Albertine – Não, estatisticamente é muito improvável. Para não dizer praticamente impossível.

François – Se diz isso...

Albertine – Está claro que há muita gente lá em cima, é evidente.

François – Lá em cima?

Albertine – No céu, por cima das nossas cabeças!

François – Ah, sim...

Albertine – Então, porque é que Deus teria escolhido enviar o seu filho único precisamente para a Terra em vez de para outro desses milhares de milhares de milhões de planetas?

François – Confesso que nunca me fiz essa pergunta.

Albertine – Mesmo assim, admita que a existência de pelo menos alguns extraterrestres é muito mais provável do que a de um único Deus.

François – A religião e a ciência são duas coisas muito distintas, minha filha, que é inútil opor.

Albertine – No entanto, há uns séculos, a Igreja defendia que a Terra era plana. E condenava à fogueira qualquer um que afirmasse que era redonda.

François – Errare humanum est...

Albertine – Perseverare diabolicum. Um cafezinho, como de costume?

François – Sim, por favor.

Albertine serve-lhe o café.

Albertine – Então, acredita em Deus, padre?

François – Uma pergunta bastante estranha para se fazer a um sacerdote...

Albertine – Acredita que uma mulher pode conceber um filho pela obra do Espírito Santo, que um morto pode voltar à vida, que se pode transformar água em vinho e devolver a visão a um cego com uma simples bênção?

François – Grande é o mistério da fé...

Albertine – Mesmo assim...

François – A senhora acredita em extraterrestres.

Albertine – Mas isso não é uma questão de crença, senhor padre. Nem sequer de conhecimento. É apenas uma hipótese baseada em probabilidades cientificamente estabelecidas, que roçam a certeza.

François – Acho que prefiro um descafeinado...

Albertine – Além disso, estar convencida da existência de vida extraterrestre algures no cosmos não é o mesmo que acreditar que uns homenzinhos verdes já nos teriam visitado nos seus discos voadores.

François – De facto.

Albertine – Não... A sua crença não se baseia em nenhuma realidade, e desafia até o senso comum.

François – A fé não se fundamenta em probabilidades, minha filha, mas numa revelação e numa evidência. E para os mais céticos, acreditar também pode ser uma decisão...

Albertine – Ah, sim?

François – Acreditar é, acima de tudo, querer acreditar.

Albertine – Um pouco como acreditar no Pai Natal, com medo de que, se deixarmos de acreditar, ele deixe de nos trazer presentes.

François – Posso beber o meu descafeinado, por favor?

Albertine serve-lhe o descafeinado. François abre o seu dossiê.

Albertine – E o que é esse grande dossiê, padre? As provas da existência de Deus?

François – Quase...

Albertine – A contabilidade da paróquia? Tem uma auditoria fiscal?

François de repente parece muito exaltado.

François – Acabei de descobrir um verdadeiro tesouro numa cripta escondida da nossa igreja.

Albertine – Pedras preciosas?

François – Não, não exatamente.

Albertine – Barras de ouro?

François – Também não... São documentos de valor incalculável.

Albertine – Certo...

François – Documentos provavelmente escondidos durante a Revolução, que nos podem conduzir às relíquias perdidas de São Bernabé.

Albertine – Mais um cadáver a caminho... Acha mesmo que é o momento, quando o nosso cemitério já está cheio?

François – Tem razão... Também é urgente encontrar uma solução para esse problema delicado...

Albertine – Porque acha que a Baronesa se recusa a vender parte do seu terreno?

François – Ela já nos explicou as suas razões...

Albertine – A menos que haja outras razões, menos confessáveis.

François – Quais?

Albertine – Sabe que é viúva.

François – Sim.

Albertine – O seu marido desapareceu há alguns anos. Diz-se que se afogou no rio que passa pela sua propriedade, e nunca encontraram o corpo.

François – Como São Bernabé, no fundo. Mais um corpo que não encontrou sepultura. Que descanse em paz.

Albertine – Corre o rumor de que ela o assassinou para herdar a fortuna e o enterrou no parque do castelo. Talvez ela tema que, ao cavar novas sepulturas nesse local, encontrem o cadáver do marido...

François – Não passam de boatos, minha filha. Não nos entreguemos a essas calúnias.

Albertine – Às vezes, os rumores têm um fundo de verdade. É o princípio da fé religiosa, não é?

François – Desculpe?

Albertine – Jesus que morre na sexta-feira e ressuscita no domingo, entre nós... Os primeiros textos que relatam essa história inverosímil foram escritos mais de vinte anos depois da morte de Jesus. E mesmo assim, acredita nisso...

François – Claro que sim!

Albertine – Mas isso não passa de uma fábula. Um boato que circula há mais de dois mil anos. Então, por que não poderia a Baronesa ter enviado o Barão para o outro mundo? É muito mais fácil do que trazer alguém de volta, não acha?

François – Isso... só Deus sabe, minha filha.

Albertine – Deus... e talvez o senhor. O senhor é o confessor dela, não?

François – Mesmo que fosse, estou sujeito ao segredo da confissão...

Charline chega.

Charline – De que segredo estão a falar?

Albertine – Mencionava aquele odioso boato que diz que assassinou o Barão.

Charline – Um boato iniciado pelo presidente da câmara para me dissuadir de concorrer contra ele nas próximas eleições. Se o divulgar, aviso-a que também farei uma queixa contra si.

Albertine – Eu, a espalhar esses mexericos? Estava justamente a dizer ao senhor padre que achava absolutamente intolerável manchar assim a reputação de pessoas honradas. Não é verdade, padre?

Charline – E agora ele quer que eu ceda uma parte do parque do meu castelo. De maneira nenhuma!

François – Mesmo que seja pelo bem da comunidade... e da paróquia?

Charline – Também é uma questão de princípios. Não vou ceder às suas exigências só para provar que não enterrei ninguém na minha casa.

Albertine – É de facto uma manobra grosseira.

Charline – Então, está do meu lado, Albertine?

Albertine – Depende...

Charline – Se for eleita, interessava-lhe ser adjunta do presidente da câmara?

Albertine – Depende... Paga bem?

Charline – Digamos que se beneficia de certas vantagens.

Albertine – Vantagens...?

Charline – Um subsídio, por exemplo, para renovar a fachada do Café du Commerce, interessava-lhe? Afinal, este estabelecimento tem sido há muito tempo um ponto de encontro essencial na nossa aldeia. Quase um monumento histórico. Praticamente um serviço público...

Albertine – Não deixa de ser verdade.

Charline – E além disso, um adjunto do presidente pode evitar certos problemas... especialmente se for comerciante.

Albertine – Problemas...?

Charline – Ouvi dizer que não paga nenhum imposto ao município pela sua esplanada, instalada no espaço público... É um privilégio cuja legitimidade pode ser reavaliada por um novo presidente mais preocupado em encher os cofres do município...

Albertine – Vou ter de pensar nisso.

Charline – E o senhor, padre? O que acha? Um militar ou um clérigo ficam sempre bem numa lista eleitoral. E não tenho nenhum general à mão...

François – A minha função proíbe-me de participar na vida política do município, sabe bem. Mas é necessário encontrar uma solução para os nossos queridos defuntos...

Chegam Louise e Victor.

Albertine – Olá, Louise... Olá, Victor... Estávamos mesmo a falar de vocês.

Victor – De nós?

Albertine – Bem, sobre o que faremos convosco quando...

Louise – Não preguei olho a noite toda. Sonhei que me levavam para o aterro para me reciclarem, mas que nem lá me queriam porque não havia nada de aproveitável no meu corpo.

Albertine – Ora, isso é forte...

Victor – Senhora Baronesa, não permitirá que façam isso, pois não?

Charline – Assim que eu for presidente desta aldeia, encontraremos uma solução, não se preocupem.

Louise – Vai enterrar-me no parque do castelo, ao lado do seu marido?

Charline – Há já algum tempo que se fala em fechar a escola primária que só tem uma dezena de alunos.

Victor – Sim... Foi mesmo lá que eu e a Louise nos conhecemos... há quase um século.

Louise – É verdade. Como o tempo passa. Parece que foi ontem.

Victor – Ainda te lembro com as tuas tranças e o teu aventalzinho cor-de-rosa.

Louise – Era uma miúda naquela altura.

Victor – E não mudaste nada...

Charline – Poderíamos construir o novo cemitério ali. Há um grande pátio...

Victor – Fechar a escola para ampliar o cemitério?

Charline – Assim, pelo menos, ficariam juntos. Se foi lá que se conheceram...

François – Bem, senhora Baronesa... Imagine o símbolo para a nossa aldeia, já em processo de desertificação. Enterrar os antigos alunos no pátio da escola...

Albertine – Temos de encontrar um lugar para todos esses cadáveres.

Louise – Só vêm aqui instalar-se reformados. Portanto, claro...

Victor – Não é fechando turmas que vamos atrair os jovens. Se for eleita, deveria lutar para manter esta escola.

Louise – O que eu quero é um lugar no cemitério. E, ao que parece, tem-se tornado mais difícil de encontrar do que uma vaga numa creche.

Victor – És uma velha egoísta, Louise.

Louise – E tu um velho trasto.

Victor – Nem no aterro te quererão! Já o disseste tu mesma...

Mário chega.

Mário – Senhoras e senhores... Está tudo bem?

Albertine – A rotina. Dois centenários a lutar por um lugar no cemitério.

Mário – Senhora Baronesa... Estava precisamente à sua procura...

Charline – Se é para anexar outra parte do meu parque, aviso-lhe que não mudei de opinião.

Mário – E agora percebo melhor porquê...

Charline – Desculpe?

Mário – Acabei de ser informado do seu projeto.

Charline – O meu projeto...?

Mário – O de criar um campo de golfe no parque do seu castelo.

Charline – É um projeto ainda confidencial... Quem lhe informou?

Mário – Tenho amigos por todo o lado, já sabe.

Charline – Amigos? Mais espias...

Mário – Então não o nega.

Charline – Ter grandes projetos para o nosso município não é crime. Por que razão deveria escondê-lo?

Mário – Os campos de golfe têm uma pegada de carbono catastrófica. Desperdiçam um recurso hídrico cada vez mais escasso nos dias de hoje.

Charline – Este projeto criaria empregos no município. E os visitantes revitalizariam o comércio local, cada vez mais moribundo.

Mário – Acha mesmo que os seus clientes endinheirados virão fazer as suas compras na loja da aldeia e tomar o aperitivo no Café du Commerce?

Charline – Mais do que os mortos que quer enterrar no meu parque, de qualquer forma.

Mário – É por isso que se recusa a vender?

Charline – Um campo de golfe em Beaucon-le-Château parece-me mais promissor para o futuro do que um novo cemitério, de facto.

Mário – E é também por isso que quer tomar o meu lugar na câmara? Para impor este projeto que de outra forma não tem nenhuma possibilidade de concretização.

Charline – Porque o senhor se oporá... Por vingança! É um abuso de poder, e o sabe!

Mário – Opor-me-ei porque este projeto não está de acordo com o Plano Diretor do nosso município e além disso é uma aberração ecológica. Tudo para criar um parque de diversões reservado para os ricos.

Charline – O golfe é, acima de tudo, um desporto.

Mário – A petanca também o é.

Charline – Lamento, mas os clientes das minhas casas rurais de luxo não costumam jogar petanca na praça da aldeia, como o senhor.

Momento de tensão.

Albertine – Sim... A vida é uma partida de golfe. E todos desempenhamos o papel da bola. Sabemos que acabaremos no buraco, mas não sabemos em quantos golpes.

Victor – E também não sabemos quem bate na bola...

Albertine – Jogaria Deus ao golfe, padre?

Charline – Golfe ou não, nunca cederei o meu terreno!

Mário – Muito bem, nesse caso... será proibido morrer no município até novo aviso.

Louise – Proibir?

Mário – É tão proibido embarcar num avião depois do nono mês de gravidez. Portanto, pode-se dizer que está proibido nascer num avião. Por que não poderia proibir morrer no meu município?

Charline – E como pensa impedir que os seus administrados morram, senhor presidente?

Mário – Vou fazer com que se vote uma ordenança municipal, é tudo.

Charline – Mas isso é uma loucura! Ninguém sensato votará nessa ordenança... que além disso provavelmente não é legal dada a sua absurdidade.

Mário – Isso já veremos...

Apagão.

Albertine está a limpar copos. Victor e Louise lêem uma ordenança municipal imaginária exposta na montra do café na quarta parede.

Louise – Por decisão do conselho municipal, está proibido morrer em Beaucon-le-Château. Qualquer infrator será perseguido.

Victor – É incrível!

Louise – Perseguido?

Victor – Por quem?

Louise – Até onde?

Victor – A vantagem de estar morto é que estamos a salvo de perseguições, não?

Louise – Pensava isso até hoje...

Albertine – Até onde sei, não há convenção de extradição com o além-túmulo, mas enfim...

Victor – Uma multa, então?

Louise – Talvez para os herdeiros.

Victor – Deve ser... Enquanto o morto continuar morto sem autorização, a família continua a pagar uma multa.

Albertine – Enquanto o morto continuar morto...?

Charline chega.

Charline – Senhoras e senhores... O que se passa? Têm caras de enterro...

Victor – É o caso de o dizer! Veja isto, Padre...

Charline lê a ordenança.

Charline – Este tipo é um louco perigoso. Não podemos deixá-lo à frente da câmara, é evidente!

Albertine – É verdade que é um pouco surrealista, não?

Charline – Surrealista? É completamente absurdo, sim!

Mário chega.

Victor – Então essa é a solução que encontrou?

Mário – Descobri... Vários municípios já proibiram morrer no seu território... enquanto esperam poder ampliar o seu cemitério para receber novos defuntos.

Louise – E quanto tempo durará?

Victor – A você não lhe importa, ainda é jovem! Mas e nós?

Mário – Durará o tempo necessário. A ordenança será levantada quando a Senhora Baronesa consinta em ceder-nos parte do seu terreno.

Charline – Eu chamo isso de chantagem. Ao proibir morrer, toma todos os residentes do município como reféns, começando pelos nossos queridos idosos...

Louise – Então já não temos direito a morrer quando queremos?

Victor – Que barbaridade...!

Louise – E se morrermos de qualquer forma, que risco corremos?

Victor – É que a morte, quando chega, não é como vontade de urinar, não se pode conter sempre.

Louise – Embora à nossa idade, até a vontade de urinar... também nem sempre se pode conter.

Mário – Se violar esta ordenança, de qualquer forma, será enterrado em outro lugar. Se outro município aceitar recebê-lo...

Victor – Em outro lugar? E por que não no estrangeiro também?

Albertine – França já exporta os seus resíduos tóxicos para África, agora também vamos exportar os nossos mortos.

Mário – Sim... Enquanto os africanos arriscam a vida vindo aqui para não morrer de fome no seu próprio país.

Louise – Mas é aqui que queremos ser enterrados! Em França! Na nossa aldeia!

François chega.

François – Olá, meus filhos... Está tudo bem?

Louise – Não, não está tudo bem, Senhor Cura. O Senhor Presidente proíbe-nos de morrer!

François – Desculpe?

Louise aponta para a ordenança, e François examina-a.

Victor – Faça algo, Padre!

François – Proibir morrer? Mas isso é absurdo!

Mário – Estou apenas a responder a uma situação de emergência da qual não sou responsável.

François – Senhor Presidente, no meu ministério sempre respeitei à risca o princípio da separação entre a Igreja e o Estado... mas ao proibir os meus paroquianos de morrer, está a invadir o domínio de Deus!

Victor – E as nossas liberdades individuais!

Mário – Vocês são centenários! Podem esperar um pouco mais.

François – Esperar o quê?

Mário – Que a Senhora Baronesa se decida a mostrar civismo.

Albertine – Talvez seja o momento de fazer um gesto, Senhora Baronesa...

Charline – Nem pensar! Não cederei à pressão!

Um momento, antes que Victor e Louise iniciem uma conversa à parte, à qual os demais assistem com surpresa.

Victor (*a Louise*) – Sem dúvida, é suspeita esta insistência, não?

Louise – Se ela matou o marido e o enterrou no parque...

Victor – Está claro que, nesse caso, um campo de golfe é melhor.

Louise – Um buraco é menos profundo que uma sepultura.

Victor – Um buraco...?

Louise – De golfe!

Victor – Ah, sim... É seguro que é menos provável desenterrar um cadáver por acidente.

Louise – O do marido dela, por exemplo.

Charline decide intervir.

Charline – Talvez vocês dois estejam surdos, mas eu os ouço, sabem?

Albertine – Enquanto isso, o que propõem para o cemitério?

Silêncio pesado.

Charline – Poderíamos fazer uma limpeza das sepulturas que já não são mantidas. Para abrir espaço...

Mário – Expulsar do cemitério os mortos mais desamparados, em resumo?

Charline – Se a família não pagou pela renovação da concessão...

Mário – De qualquer forma, levará tempo. Há um procedimento a seguir.

Albertine – Não resolverá o problema definitivamente, isso é certo. Mas já permitiria lidar com uma urgência...

Charline – Padre, você que conhece bem a questão...

François – Há uma sepultura abandonada à entrada do cemitério...

Charline – Sabe de quem é?

François – Não... Não fui eu quem celebrou a cerimônia. Além disso, não tenho certeza se o defunto era católico...

Mário – E por que isso?

François – É um nome estrangeiro, creio.

Victor – Estrangeiro?

François – Magrebino... ou Africano.

Mário – Então, deveríamos desalojar este bom homem para abrir espaço para os verdadeiros franceses? Uma espécie de preferência nacional pós-morte, por assim dizer...

Charline – Se é a única forma de evitar a vala comum para os nossos concidadãos.

Mário – Lembro-lhes que muitos franceses têm um nome estrangeiro e não são católicos... Como eu, na verdade.

Albertine – O senhor, Senhor Presidente, é muçulmano? Além de ser italiano e comunista...

Mário – Disse que não era católico. Não disse que era muçulmano.

Albertine – Não me diga que é...?

Mário – Sou ateu. E anticlerical. Com todo respeito, Senhor Cura, não acredito em superstições e confio apenas na racionalidade. E, diabos, se não podemos ampliar o cemitério porque a nobreza se recusa a ceder um terreno e o clero lava as mãos, então que os seus corpos sejam entregues à ciência!

Os demais parecem consternados. François faz o sinal da cruz.

François – Jesus, Maria, José...

Apagão.

Albertine consulta o seu telemóvel atrás do balcão. Charline está sentada na barra lendo uma revista de golfe. Victor e Louise estão sentados em duas mesas diferentes.

Albertine – É incrível, mas o Homo Sapiens não é a única espécie inteligente que já viveu na Terra.

Victor – Por inteligente, te referes a uma espécie capaz de tornar seu próprio planeta inabitável em apenas algumas décadas?

Albertine – Também houveram os Neandertais, claro.

Louise – Os Neerlandeses? É uma espécie inteligente?

Albertine – Mas também houveram os Denisovanos.

Victor – Os Denisovanos?

Albertine (*lendo*) – Algumas populações na Ásia ainda conservam em seu ADN vestígios desta forma arcaica de humanidade.

Louise – E como sabes tudo isso?

Albertine – Chat GPT.

Victor – Acho que aqui podemos dizer que perdeu o juízo.

Albertine – Se várias espécies humanas apareceram neste único planeta, por que não poderiam surgir seres inteligentes em outro lugar do universo?

Victor – Desde que não venham aqui incomodar-nos.

Louise – Poderia dar um pouco de vida ao assunto. Porque, sejamos sinceros, em Beaucon é bastante entediante. Especialmente no inverno...

Victor – Vida, dizes? Os homens já passam o tempo a matar-se uns aos outros. Imagina se chegassem extraterrestres aqui?

Albertine – Poderiam ensinar-nos muitas coisas, não?

Victor – Como os espanhóis ou os ingleses ensinaram aos indígenas americanos, queres dizer?

Albertine – Ainda há uma pergunta...

Louise – O quê mais?

Albertine – Por que é que os primatas evoluíram para a inteligência em apenas algumas centenas de milhares de anos, enquanto outras espécies permaneceram num estado animal?

Victor – E então?

Albertine – Perguntei ao GPT... (*Ela digita no telemóvel*) Segundo ele, é porque a inteligência nem sempre é a melhor resposta em termos de adaptação ao ambiente.

Louise – O quê?

Albertine – Bem... Tornar-se inteligente nem sempre é a melhor maneira de sobreviver em um ambiente hostil.

Victor – Então, segundo ti, se Louise e eu chegamos a ser centenários, é porque temos um cérebro de caracol?

Albertine (*continuando a leitura*) – Em vez de focar na inteligência, por exemplo, algumas espécies apostam tudo numa reprodução massiva.

Louise – É um fato que os tolos tendem a ter muitos filhos.

Victor – Isso explicaria por que não é uma espécie em perigo de extinção. Os tolos até tendem a se tornar maioria.

Albertine – E, acima de tudo, a inteligência é uma forma de adaptação muito cara em termos de energia.

Louise – É verdade que, para ler, muitas vezes é preciso acender a luz.

Albertine – Nos humanos, o cérebro representa cerca de 2% da massa corporal, mas consome cerca de 20% da energia total do corpo.

Victor – Então, poupar neurônios é poupar energia? Nesse caso, todos os tolos são ecológicos.

Louise – E ao contrário...

Albertine (*lendo*) – Para algumas espécies, desenvolver um cérebro maior e mais complexo não era uma opção viável devido à escassez de recursos alimentares e energéticos.

Victor passa o seu copo vazio para Albertine.

Victor – Vamos lá, sirva-me outro. Com as suas tolices, está a aquecer-me o cérebro, isto vai refrescar um pouco.

Albertine serve-o.

Albertine – E você, Senhora Baronesa, o que está a ler?

Charline – Uma revista de golfe...

Albertine – Ah, sim, claro.

Mário chega.

Mário – Senhoras e senhores...

Charline – Então, Senhor Presidente, conseguiu expulsar aquele estrangeiro em situação irregular do nosso cemitério?

Mário – Realizei a investigação preliminar, de facto.

Albertine – E então?

Mário – Esse estrangeiro, como você diz, é um herói caído em combate durante a Grande Guerra.

Charline – Um herói?

Mário – O seu nome está no nosso monumento aos caídos! Não vamos enterrar os libertadores da França numa vala comum!

Louise – Ao mesmo tempo, a guerra de 14 já começa a ser antiga, não?

Victor – Até nós ainda não tínhamos nascido.

Louise – Também não participaste na de 39-45...

Victor – Fui reformado porque tinha pés chatos.

Mário – De qualquer forma, durante o meu mandato, deixaremos os heróis de guerra descansar em paz.

Albertine – Então voltamos ao ponto de partida...

Victor – Teriam de haver concessões de todos...

Louise – Sim... Concessões perpétuas.

François chega.

François – Bom dia a todos.

Mário – Senhor Cura. Espero que não esteja a administrar demasiadas unções extremas neste momento.

François – Não, estejam tranquilos. Inclusive fiz um batismo esta manhã. Tem sido tão raro na nossa aldeia.

Mário – Um futuro aluno para a nossa escola primária...

Albertine – Dito isto, Senhor Presidente, noto que desde o seu decreto, ninguém morreu em Beaucon-le-Château.

Victor – É verdade... É bastante curioso.

Charline – Acha que Deus não ousaria desafiar a sua proibição chamando os Seus filhos? O que pensa, Senhor Cura?

François – Não blasfememos, Senhora Baronesa. Deus não obedece às autoridades municipais. Com todo o respeito, Senhor Presidente.

Albertine dá uma olhada no jornal.

Albertine – Não...? Veja, está no jornal! O seu decreto está na capa!

Mário pega o jornal e lê.

Mário – Está proibido morrer em Beaucon-le-Château. Todo infrator será processado.

Charline – Em verdade vos digo... vamos ser a chacota de toda a França!

Apagão.

Albertine olha para a tela do seu telemóvel atrás do balcão. Victor e Louise estão sentados em mesas separadas.

Albertine – Sabem quantos seres humanos morreram desde o início da humanidade?

Louise – Vai-nos cansar muito com a sua inteligência artificial...

Albertine – Mais de 100 mil milhões.

Victor – Acho que preferia a sua estupidez natural.

Albertine – Percebem? Isso significa que na Terra há dez vezes mais mortos do que vivos.

Louise – Não é de admirar que os cemitérios estejam começando a transbordar.

Albertine (*lendo*) – Se todas as tumbas desses falecidos fossem conservadas, haveria um cemitério do tamanho da Itália.

Louise – Itália?

Albertine – Mais de metade da França... Felizmente, não mantemos todas essas tumbas para sempre.

Victor – E qual é a duração de uma tumba, então?

Albertine – Quando não se é uma celebridade, não mais de 50 anos. Depois, os ossos são colocados num ossário. Para fazer espaço para os recém-chegados.

Victor – 50 anos? Então, na verdade, o descanso eterno dura até menos tempo do que a vida real.

Louise – Até que todos te tenham esquecido...

François chega com um jornal.

François – Ainda se fala de Beaucon-le-Château no jornal!

Victor – Ah, sim?

François – Ouçam isto... (*Lendo*) Após a proibição do presidente de morrer na sua aldeia, não se contabiliza nenhum falecimento em Beaucon-le-Château. Alguns não hesitam em gritar milagre...

Louise – Um milagre?

François – Um milagre laico, então. Nunca vi o Senhor Presidente na missa aos domingos, e não esconde o seu ateísmo.

Victor – Acha que ao pronunciar esta proibição de morrer no território da sua aldeia, o presidente poderia ter evitado que ocorram falecimentos?

Albertine – Alguns santos foram beatificados por menos do que isso.

Louise – A propósito, Senhor Cura, que milagre fez o nosso São Bernabé para ser canonizado?

François – Os poucos documentos da época que ainda conservamos às vezes são contraditórios neste ponto, mas... teria devolvido a vista a um paralítico.

Victor – Ah, sim, isso é... É bastante contraditório, de fato. Devolver a vista a um paralítico...

Louise – Mas, no início, a pessoa também estava cega ou...?

François – Está em latim, e a escrita não é muito legível... Mas parece que o pobre permaneceu paralítico até à sua morte.

Louise – Ah, sim, é um pouco fraco como milagre. Se ao menos este milagroso tivesse ganhado uma medalha nos Paralímpicos.

Victor – Então... realmente acham que vale a pena incomodar-se em encontrar as relíquias do seu São Bernabé?

Albertine – O nosso Presidente que detém a Morte com um simples decreto municipal, isso sim é algo. A ele deveriam canonizá-lo!

François – Vamos, não caiamos na superstição...

Victor – É curioso como essa frase soa estranha na boca de um sacerdote.

François – Com certeza é apenas uma coincidência. Não se morre todos os dias em Beaucon...

Albertine – Mas se for verdade, as funerárias não vão agradecer. Acabarão por falir.

Louise – De qualquer forma, segundo o meu médico, estou em plena forma... para uma centenária.

Victor – Sim, eu também.

Albertine – Quem é o vosso médico?

Louise – O Doutor Pinard.

Albertine – Pinard? Pelo menos, deve-se reconhecer que, mesmo bêbado, sabe reconhecer um morto quando o vê.

François – Especialmente quando é ele quem atropelou com o seu carro enquanto conduzia completamente bêbado.

Louise – A pobre Josiane...

Charline chega.

Victor – Devemos agradecer ao Senhor Presidente por nos ter devolvido uma nova juventude?

Louise – Se nos prometer a vida eterna, talvez no final vote nele.

Charline – Não acreditem em todas as tolices que leem no jornal!

Albertine – Não se pode evitar que surjam rumores. Além disso, dupliquei a minha faturação esta manhã. Curiosos vêm ver a aldeia onde nunca se morre.

Victor – Se é bom para o negócio, então...

Louise – E para o mercado imobiliário.

Albertine – Não é o lugar adequado para comprar em viúves, isso é certo...

Victor – Na falta de encontrar as relíquias de São Bernabé, conformamo-nos com um santo laico e anticlerical.

Albertine – De qualquer forma, um local de peregrinação atrai mais do que um campo de golfe para o pequeno comércio.

Louise – E os seus quartos de hóspedes, Senhora Baronesa? Devem estar cheios, não?

Albertine – Não seria você quem alertou a imprensa sobre esta aldeia cujos habitantes vivem eternamente?

Charline – Não tenho nada a ver com essas notícias falsas, acreditem-me...

Mário chega.

Mário – Senhoras e senhores.

Charline – Ao contrário de alguns que propagam rumores sobre mim, fazendo-me passar por criminosa.

Mário – E por que razão eu iria fazer algo assim, peço-lhe?

Charline – Para me impedir de me candidatar contra você nas próximas eleições, por exemplo.

Albertine – É verdade que um presidente que promete aos seus eleitores a vida eterna... Vai ser difícil para os outros candidatos!

Mário – Vamos, não tenho tal poder, sabem bem...

François – Realmente é hora de pôr fim a todo este desordem.

Victor – Isso é certo... Se ninguém morrer por simples decisão administrativa, acabou-se a cristandade!

Louise – De que serve prometer um bilhete de ida ao paraíso se ninguém faz a viagem?

Victor – E o mesmo se aplica ao inferno...

Mário – O que pensa fazer, Padre?

François – Vou celebrar uma missa para implorar a ajuda de São Bernabé.

Mário – Aquele que devolve a vista aos paralíticos? Então estamos tranquilos...

Albertine – Isso era na Idade Média, pelo menos as suas vítimas já não correm o risco de se manifestar...

Apagão.

Albertine consulta o seu telemóvel atrás do balcão. Louise está sentada numa mesa. Mário está no balcão.

Albertine – Ouçam isto... (*Lendo*) Em 1907, um médico americano realizou experimentos com seis pacientes em fase terminal. Alega ter medido uma perda de peso de aproximadamente 21 gramas no momento do falecimento. O que o levou a concluir que a alma pesa 21 gramas.

Louise – 21 gramas... Não é muito...

Mário – E ainda assim, acho que a alma de alguns dos nossos concidadãos pesa ainda menos do que isso...

Louise – Está a pensar em alguém em particular?

François chega.

Albertine – Ah, Senhor Cura, uma adivinha para si. Quanto pesa uma alma?

François – Desculpe?

Albertine – É uma piada... Em contrapartida, parece que Deus ouviu a sua oração, Padre...

François – Ah, sim?

Albertine – Victor nos deixou esta noite.

François – Não? O pobre homem. O Senhor o terá chamado a Si.

Louise parece não ter entendido bem.

Louise – Quem morreu?

Albertine – Victor. É Victor quem morreu, Louise.

Louise – Victor...? Isso surpreende-me dele.

Mário – Ah, sim? E por quê? Tinha 102 anos, afinal.

Louise – Durante a guerra, ele era mais o tipo que colaborava com o ocupante. Assim, contrariar um decreto municipal assim...

Albertine – Um resistente de última hora, em suma.

Louise – Mesmo assim, dá-me pena.

François – Nem sequer pude administrar-lhe os últimos sacramentos. Paz à sua alma...

Louise – A dele também não devia pesar muito... Mas o que aconteceu?

Mário – Depois dos cem anos, é uma pergunta que perde muito do seu significado.

Albertine – De qualquer forma, o feitiço está quebrado. Os jornais já não poderão dizer que não se morre em Beaucon-le-Château.

Mário – Adeus aos turistas e adeus aos peregrinos. A nossa aldeia não será o novo Lourdes.

Albertine – Fica, Senhor Presidente, que ao morrer no território da comuna, o falecido contrariou o seu decreto municipal. Que sanções previu para ele?

Mário – A urgência é sobretudo saber o que fazer com o corpo...

Victor chega. Os outros estão evidentemente atónitos.

Albertine – Victor! Mas pensávamos que tinhas morrido!

Victor – Aparentemente, o Bom Deus não me quis. Provavelmente porque não tinha a autorização do presidente.

Louise – Mas, o que aconteceu?

Victor – Chamei o Doutor Pinard ontem à noite porque não me sentia bem. Depois não me lembro de mais nada. Apenas que acordei na morgue.

Mário – Na morgue?

Victor – O Doutor declarou-me morto por engano.

Albertine – O Doutor Pinard... Devia estar bêbado outra vez...

Louise – Se eu desmaiar, por favor chamem outro médico. Não quero ser enterrada viva!

Apagão.

Albertine lê o jornal atrás do balcão. François está sentado numa mesa, examinando documentos.

François – Merda, claro...!

Albertine levanta os olhos do jornal.

Albertine – Ouvi-o maldizer, Senhor Cura?

François – Que Deus me perdoe, deixei-me levar pelo meu entusiasmo. É sobre as relíquias de São Bernabé.

Albertine – E... onde está o corpo?

François – É demasiado cedo para dizer, mas desta vez estou numa pista... Uma pista muito séria, mesmo...

Mário chega.

Albertine – Ah, Senhor Presidente! (*Mostra-lhe um artigo no jornal*) Tornou-se viral, como se diz hoje em dia. Depois desta ressurreição milagrosa, é apresentado como o novo messias. Veja isto! Chamam-lhe «o mago de Beaucon-le-Château»...

François – É uma abominação, Senhor Presidente... É preciso acabar com esta loucura!

Mário – Reconheço que estou a ser ultrapassado por este assunto. Este decreto municipal não era mais do que uma piada para obrigar a Baronesa a ceder o seu terreno. Não pensei que tudo isto chegaria tão longe!

Charline chega.

Albertine – Justo a tempo. E não parece estar de bom humor...

Charline – Acabei de saber que o meu projeto de campo de golfe foi invalidado pelo conselho municipal.

Mário – Não era um bom projeto para o município. Nem para o planeta, aliás. O conselho alinhou-se com a minha opinião.

Charline – Diria antes que você fez pressão.

Mário – De qualquer forma, é uma razão a menos para se recusar a vender ao município alguns terrenos da sua imensa propriedade... A menos que realmente tenha algo a esconder...

Charline – Acha que vou ceder-lhe aquele terreno só para provar que não enterrei o meu marido lá?

François – Não se obstine, senhora Baronesa... É por uma boa causa.

Albertine – Para as próximas eleições, este sentido do bem público poderá jogar a seu favor.

François – E, além disso, Deus lhe recompensará...

Mário – Se a Igreja pedir... e se Deus garantir o reembolso.

Charline hesita antes de decidir.

Charline – Está bem... Mas aviso-lhe, não vou vender a minha propriedade a preço de saldo.

Mário – Quanto pede?

Charline – Quinhentos euros por metro quadrado.

Mário – Esse é o preço do terreno edificável! E recorde-lhe que essa parte do seu parque não pode ser destinada à construção.

Charline – É para estabelecer últimas moradas, não é? Então considerarei como uma urbanização. É pegar ou largar...

Mário permanece pensativo. Os outros aguardam a sua decisão.

Apagão.

Albertine consulta o seu telemóvel atrás do balcão. Victor chega.

Albertine – Ouça isto... No universo, as distâncias entre as galáxias são tão grandes e o tempo para percorrê-las é tão longo que, se os extraterrestres nos visitassem, é porque teriam alcançado a imortalidade necessária para realizar tal viagem...

Victor nem parece ouvi-la.

Victor – Não há muita gente hoje. Morreu toda a gente ou quê?

Albertine – Pelo menos, agora temos espaço para os receber.

Victor – Aos extraterrestres?

Albertine – Aos mortos! O presidente colocou esta manhã a primeira pedra para o novo cemitério. Estiveste lá?

Victor – Não ia perder isso... Quando se compra sobre o papel, é sempre melhor vigiar a obra.

Albertine – Está tudo em ordem, em suma. Mas todos os curiosos também já se foram.

Victor – É verdade que deixa um vazio.

Albertine – Espero que o Senhor Cura consiga finalmente as relíquias de São Bernabé, isso reativaria um pouco os negócios...

Mário chega com Louise.

Mário – Senhoras e senhores.

Albertine – Senhor Presidente. Então? Parece que perdeu a sua auréola. Acabaram-se os milagres?

Mário – Não me digas... Desde que suspendi esse decreto, os velhos caem como moscas na comuna...

Victor – A propósito, há algum tempo que não vemos a Baronesa...

Albertine – Não morreu, pelo menos?

Mário – Não sabe? Está em custódia...

Victor – Não? Porquê?

Mário – Ao fazer escavações no seu terreno para os trabalhos preparatórios da ampliação do cemitério, foram descobertos restos humanos.

Louise – O seu marido?

Mário – Provavelmente.

Victor – Então esses rumores, eram verdade...?

Louise – Sempre pensei que tinha cara de assassina em série.

Albertine – Acham que ela poderia ter matado outros, e que o seu parque já está cheio de cadáveres?

Victor – Esperemos que não, porque se for o caso... o novo cemitério estaria completo ainda antes da sua inauguração.

Charline chega.

Albertine – Senhora Baronesa! Já a libertaram?

Charline – Fui vítima de um erro judicial!

Mário – Mais um...

Charline – Após a análise, os restos encontrados no meu parque revelam-se muito mais antigos do que se pensava.

Albertine – Muito mais antigos? Quer dizer... um Neandertal ou algo assim?

Charline – Bastante antigos para que não me possam culpar de homicídio.

François chega, bastante emocionado, com o seu dossier debaixo do braço.

François – Estão a par?

Mário – Desses restos? Sim. A senhora Baronesa afirma ter um alibi. Ainda não tinha nascido quando o crime foi cometido...

François – Estes restos foram descobertos no local exato onde se encontrava a antiga abadia destruída durante a Revolução.

Victor – Podem ser as relíquias de São Bernabé?

François – É uma possibilidade séria, de facto. Que deverá ser confirmada por outros análises.

Mário – Pelo menos, agora temos espaço para receber o seu Santo.

François – Precisamente sobre isso...

Mário – O que acontece agora...?

François – Os documentos que descobri recentemente na cripta mostram que os antecessores da senhora Baronesa, que adquiriram o domínio durante o Império de Napoleão juntamente com o seu título de nobreza, anexaram uma parte do cemitério da igreja para construir estábulos.

Mário – Ora essa...

François mostra um documento.

François – Veja... Os contornos do antigo cemitério, muito maior naquela época, aparecem claramente nesta gravura. E abrangem uma grande parte do atual parque do castelo.

O presidente examina os documentos que o padre lhe oferece.

Mário – Em resumo, este terreno simplesmente será devolvido ao seu destino original. E se me guiar por esta gravura, a câmara poderá até aspirar a uma extensão muito maior.

François – Os cadastros modernos datam de Napoleão...

Mário – Isso explica que ninguém tenha percebido antes esta anexação selvagem do domínio público. Senhora Baronesa?

Charline (*pouco convincente*) – Asseguro-vos que não estava ao corrente...

Mário – Então pediremos à justiça que resolva este litígio.

Charline parece incômoda.

Charline – Um bom acordo é sempre melhor do que um mau julgamento, não é assim...? (*A contragosto*) Aceito doar este terreno ao município. Com a condição de que a câmara renuncie a qualquer outra pretensão sobre a minha propriedade.

Mário – Agradeço pela sua generosidade espontânea, senhora Baronesa. Num espírito de reconciliação, aceito com prazer a sua proposta.

Albertine – Sempre poderá fazer um minigolfe no que restar do parque... Não é preciso licença para isso, não é, Senhor Presidente?

Mário – De qualquer forma, em breve teremos um cemitério maior. Por isso, esta proibição de falecer no território do município já não faz sentido.

Albertine dirige-se a Victor e Louise, que parecem ter agora uma relação mais próxima.

Albertine – Ouviram isso, idosos? Têm direito a morrer...

Louise – É um convite?

Victor – Bem, também não temos pressa...

Albertine – De qualquer forma, já não terão que disputar o último lugar no cemitério. Mas parece que o momento já não é para brigas entre vocês, não me engano?

Louise – Esta provação nos aproximou, não é, Victor?

Mário – Não me digam que vão casar-se?

Victor – Não, mas decidimos fazer um mausoléu juntos.

Mário – É uma decisão sensata. Para um casal jovem, adquirir bens imóveis é o melhor investimento a longo prazo.

Albertine – Vamos, convido a uma rodada geral para celebrar a inauguração do novo cemitério!

Música. Albertine enche os copos. Victor convida Louise para dançar. E Mário convida Charline.

Fade para preto.

Fim.

O autor

Nascido em 1955 a Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começa como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Depois, é argumentistas na televisão e volta ao palco como dramaturgo.

Ele escreveu uma centena de cenários para o pequeno ecrã e cerca de 100 comédias para o teatro, algumas das quais já são clássicos (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*).

É hoje um dos autores contemporâneos mais interpretados em França e nos países francófonos. Além disso, varias das suas peças, traduzidas em espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

Para amadores ou profissionais, a procura de um texto, Jean-Pierre Martinez optou por oferecer as suas peças em download gratuito no seu site La Comédiathèque (comediatheque.net). No entanto, qualquer representação publica fica sujeita a autorização junto da SACD.

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

Comédias para 2

A janela da frente
Cara ou coroa
Ela e Ele
Encontro na plataforma
EuroStar
Há um piloto a bordo ?
Nem sequer morto
No fim da linha
O Joker
Os Náufragos do Costa Mucho
Preliminares
Réveillon na morgue

Comédias para 3

Crash Zone
Cuidado frágil
Méngae à trois
Plágio
Por debaixo da mesa
Sexta-Feira 13
Um breve instante de eternidade
Um pequeno assassinato sem consequências
Um pequeno passo para uma mulher, um salto no vazio para a Humanidade...

Comédias para 4

Apenas um instante antes do fim do mundo
As Pirâmides
Cama e Café
Crise e castigo
De volta aos palcos
Denominação de Origem não Controlada
Depois de nós, o dilúvio!
Gay friendly
Há algum crítico na sala?
Há um autor na sala?
O amor é cego
O cheiro do dinheiro
O contrato
O cuco
O genro perfeito
Quarentena
Quatro estrelas
Retrato de família
Sexta-feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Um casamento em cada dois
Uma noite infernal

Comédias para 5 ou 6

Bem está o que mal começa
Crise e Castigo
Flagrante delírio
Nochebuena en la comisaría
O Rei dos idiotas
O Sorteio do Presidente
Pronóstico Reservado
Réveillon na esquadra
Sem flores nem coroas

Comedias para 7 ou mais

A pior aldeia de Portugal
A representação não está cancelada
Batas brancas e humor negro
Bem-vindos a bordo!
Como um filme de Natal...
Corações Abertos
Crise e Castigo
Dedicatória Especial
Erro da funerária a teu favor
Jogo de Escape
O Jackpot
O Sorteio do Presidente
Milagre no convento de Santa Maria-Joana
Nem sempre a música amansa as feras...
Pré-histórias Grotescas
Réveillon na esquadra
Uma herança pesada
Xeque-Mate

Comedias de sainetes (sketches)

Breves do tempo perdido
Cenas de rua
Corações Abertos
Demasiado é demasiado!
Ela e Ele
Morrer de Rir

Monólogos

Como um peixe no ar
Happy Dogs

*Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser baixadas livremente no seu site :*
<https://comediathèque.net>

*Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.
Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.*

Avinhão – Setembro de 2024

© La Comédiathèque
ISBN 978-2-38602-254-8

Documento para download gratuito